

FOTOGRAFIAS DA CAPITAL DEBAIXO D'ÁGUA

No projeto *Brasília Submersa*, o fotógrafo Beto Barata apresenta um outro olhar sobre a capital federal – a vida da cidade debaixo d'água, no Lago Paranoá. Luiz Alberto Cortes Silva, conhecido como Beto Barata, vive e trabalha em Brasília e quis desbravar um desafio profissional em sua vida, o de fazer fotografias subaquáticas. O resultado direto é um livro, que o fotógrafo acaba de lançar, e uma exposição que apresenta atualmente no Anexo do Museu Nacional da República, na Esplanada dos Ministérios.

“Sou bastante realizado como profissional, mas não estava satisfeito com o tipo de fotografia que estava fazendo”, diz Barata, de 41 anos e desde 2001 na Agência Estado – em sua carreira, ainda, teve passagens pelos jornal *Correio Braziliense*, pela publicação *The Brazilians* e na agência Eclipse Photo (ambas nos EUA) e pela sucursal de Brasília da *Folha de S.Paulo*. A partir de aulas de mergulho na capital federal, onde nasceu e vive, ele fez foto-



BETO BARATA/DIVULGAÇÃO

BRASÍLIA SUBMERSA

Autor: Beto Barata (120 págs., R\$ 50).
Exposição:

Anexo do Museu Nacional da República, em Brasília. Até 5/11.

Submerso.
Fotógrafo mergulhou mais de cem vezes

grafias, durante um ano, desde agosto de 2009, por quatro cantos do Lago Paranoá – Raia Norte, Raia Sul, barragem e Vila Amaury. “Não fiz o lago inteiro, mas foram cerca de cem mergulhos, geralmente, entre as 10 da manhã e 3 da tarde, aproveitando o período do meio-dia, quando o sol está a pino e se tem luz melhor debaixo d’água”, conta.

Arqueólogo. Dessa experiência, Beto Barata não consegue nem contabilizar quantas imagens clicou em suas viagens pelo Paranoá. Encontrou muitos peixes, mas não foram eles o motivo principal que procurava para suas fotografias. “Em alguns momentos, me sentia como um verdadeiro explorador da Grécia antiga porque encontrava vestígios

de moradias, de construções, pratos, xícaras e até vasos sanitários”, conta o fotógrafo. Esse “trabalho de arqueólogo” aconteceu, principalmente, na Vila Amaury e na área da barragem, em que se podem ver madeiras e restos da construção da capital federal, inaugurada há 50 anos. Das tantas fotografias que Beto Barata realizou em seus mer-

gulhos, foi difícil fazer a seleção para exibir ao público. No livro *Brasília Submersa* estão 106 imagens e na exposição homônima, em cartaz no Museu Nacional da República até 5 de novembro, 51 fotos. A empreitada, patrocinada pelo Fundo de Apoio à Cultura (FAC) e realizado pela Photo Agência e pelo museu que faz a mostra, se completa ainda com o blog projetobrasiliastubmersa.blogspot.com.

Brasília Submersa, em livro, tem, além das fotografias de Beto Barata, apresentação do poeta e jornalista Luís Turiba, textos da jornalista Clara Arreguy e projeto gráfico de João Campanello. Já a mostra foi feita com curadoria de Eraldo Peres (a partir de pré-edição fotográfica de Marri Nogueira) e cenografia de Luciana Nunes Heringer. A publicação pode ser adquirida tanto no Museu da República quanto por meio do blog. /C.M.

estadao.com.br

Veja galeria de fotos da exposição e do livro no site
estadao.com.br/e/d16b

CCSP COMEMORA 20 ANOS DE EXPOSIÇÕES

Para comemorar os 20 anos de seu Programa de Exposições, o Centro Cultural São Paulo será palco, a partir de hoje, de uma mostra retrospectiva com obras de 23 artistas que passaram pelo programa, como Lucia Koch, Arthur Lescher, Eduardo Frota, João Modé, Marco Buti e Rosângela Rennó, entre outros. A entrada é franca e o CCSP localiza-se na Rua Vergueiro, 1000. Mais informações pelo telefone (11) 3397-4002.

MARCIAS PASTORE INSPIRA-SE NO CORPO

As possibilidades do corpo inspiraram as esculturas de Marcia Pastore, expostas na Galeria Estúdio Buck (R. Lopes Amaral, 123). Para organizar a mostra, que tem curadoria de Alberto Tassinari, a artista partiu do pressuposto de que o corpo está na origem da própria escultura e de todo o seu percurso na história da arte. Assim, trabalhou as peças como uma espécie de negativo fotográfico em três dimensões do corpo.